



Mesa redonda: Corpos, Diásporas, Migrações, Mobilidades

Diáspora e identidade complexa

Maria Luisa Feminias (Universidad Nacional de La Plata e da Universidad de Buenos Aires)

En *El ser y la nada*, Sartre sostiene que “somos lo que no somos” porque en realidad, en cierto sentido “somos” los que los demás nos devuelven que somos. Contra las concepciones de identidad basadas en formas de esencialismo o deudoras de la metafísica de la sustancia, exploraremos las relaciones entre la situación de diáspora y la noción de identidad como constructo complejo.

Edwidge Dandicat: de história(s) em História

Leila Assumpção Harris (UERJ)

O caráter gendrado das diásporas contemporâneas e a feminização dos movimentos globais nos leva a focalizar os espaços discursivos, geográficos e afetivos ocupados pelas escritoras migrantes e seus personagens. As representações literárias das experiências diaspóricas promovem a possibilidade de questionamentos e a articulação de posições políticas por parte das escritoras e leitoras/es. Edwidge Dandicat, nascida no Haiti e residente nos Estados Unidos, cria em sua obra personagens diaspóricas cujas lembranças traumáticas revelam simultaneamente a violência contra o corpo da mulher e contra a terra natal. A necessidade de confrontar as memórias e de criar um “espaço neutro” contribuem para que as personagens superem o deslocamento exacerbado durante o processo migratório.

Os filhos de Maria Índia

Cristiana Bastos (ICS/Portugal)

Em 1884, o navio português “Índia” levava a bordo mais de duas centenas de madeirenses para uma aventura de colonização no planalto da Huíla, Angola. Poucos do continente tinham respondido ao edital do governo; mas no Funchal havia muitos prontos a embarcar para longe – até ao Havai! – para fugir à miséria em que a brutal estratificação da ilha os deixava. Durante a viagem nasce uma bebé a quem dão o nome do barco: Maria Índia. Anos mais tarde de a ter “encontrado” no diário de bordo descobri, num pequeno cemitério angolano, uma lápide funerária com o seu nome. A emoção do encontro fermentou num artigo sobre a saga madeirense, cuja publicação foi atribulada (“especulativo!”), mas produziu resultados surpreendentes. A sua existência digital fê-lo chegar aos descendentes de Maria Índia, a quem eu almejava um dia conhecer, mas não sabia onde, nem se existiam. Eles contactaram-me, e dos mais insuspeitos lugares: África do Sul, Portugal, Argentina, Brasil, lugares da diáspora resultante da descolonização de Angola em 1975. Entusiasmados pela possibilidade de co-produzir a sua história, genealogia, parentesco, recrutaram-me para uma aventura cognitivo-metodológica de colaboração sujeito-sujeito na produção do objecto de conhecimento antropológico.

(Virtually) Real Violence and Sexuality

Kazuko Takemura (Ochanomizu University)

The distinction between fantasy and reality has long been a question for feminists when it comes to violence since it was discussed in terms of pornography. The distinction becomes more obscure or more complicated and problematic as to representations of sexuality in popular culture in Japan. This presentation deals with the relationship between representations of violence and the transgression of sexuality in the fantasy of audience and explore possibilities of the imaginative/real mobility of sexual norms.